

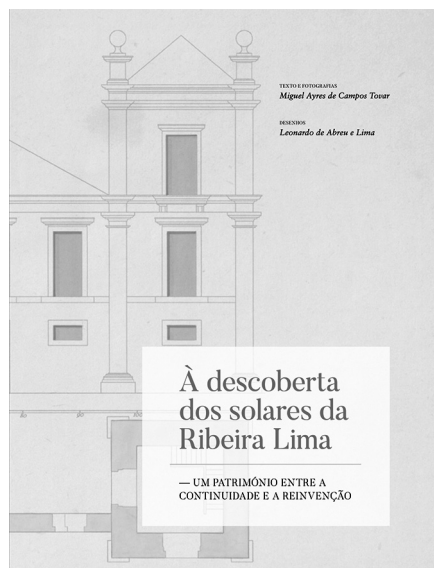
# À descoberta dos solares da Ribeira Lima: um património entre a continuidade e a reinvenção

*Miguel Ayres de Campos Tovar (texto e fotografia)*

*Leonardo de Abreu e Lima (desenhos)*

— Ponte de Lima, Município de Ponte de Lima, 2023

*Maria de Lurdes Rosa<sup>[\*]</sup>*



O livro *À descoberta dos solares da Ribeira Lima*, que ostenta o significativo subtítulo *um património entre a continuidade e a reinvenção*, da autoria de Miguel Ayres de Campos Tovar (texto e fotografia) e Leonardo Abreu Lima (desenhos), é uma obra da maior importância, a diversos títulos. Em primeiro lugar, porque trata de forma inovadora um tema muito relevante, mas que nem sempre tem sido alvo da perspetiva nele adotada. Como descobrir e divulgar, sem concessões ao rigor, mas de forma clara e atraente, o património local? Sem o (re) localizar, e antes o inserir em contextos mais alargados de inteligibilidade? Um profundo conhecimento do património em questão — os “solares” da Ribeira Lima — e a convicção da importância de interpretação dos fenómenos, são fa-

tores de uma resposta bem sucedida. Em segundo lugar, deve sublinhar-se o facto de ser uma edição esteticamente apurada, ilustrada com desenhos da maior qualidade e notáveis fotografias — sendo, portanto, agradável para quem o lê e para quem o vê. Editado pela Câmara Municipal de Ponte de Lima, com o apoio de financiamentos europeus, o livro é apresentado pelo Presidente da edilidade, o que marca de forma clara o empenho do município em apoiar esta divulgação do seu património.

Apresenta-se e estuda-se, na obra, um património multissecular mas que se considerou oportuno perspetivar “entre a continuidade e a reinvenção”. Um património dinâmico, portanto, situado numa zona regionalmente limitada mas com uma forte identidade cultural, da qual os solares são parte relevante.

Os solares da Ribeira Lima são apresentados através de uma leitura diacrónica, com momentos marcantes, cada um colocado sob o signo de um tema. A uma introdução geral, em que se explicam os princípios do livro e se refere o contexto do seu surgimento, seguem-se seis capítulos de descrição interpretativa, num texto que não exclui um acentuado pendor literário. Abre-se com uma pré-história dos solares, mesclada de geografia e etnografia, em “A génese da casa senhorial”. Seguem-se-lhe “Sob o signo da

torre”, “Alvores de um viver palaciano”, “Na encruzilhada do mundo moderno”, “Um século de ouro” e “A era pós-senhorial”. Em cada um dos capítulos é feita uma introdução geral, e são depois percorridas as muitas casas que o autor selecionou como exemplares das épocas em análise. Como os títulos que acabamos de referir denotam, há a preocupação de com elesacompassar a história de Portugal, permitindo a inserção do local em mais vastos contextos. Cada capítulo é assim dotado de um subtítulo que se dirige diretamente às características das casas. A génese da casa senhorial é colocada sob o signo da organização e “gestão” do território, da economia e da propriedade; as casas torreadas são evocadas a partir de uma lógica de reconfiguração daqueles parâmetros, orientada por duas tendências historiograficamente comprovadas noutros locais do Ocidente medieval — unificadas, pelos medievalistas, no conceito de “territorialização do poder” — o enraizamento e a senhoriação. Já em “Alvores de um viver palaciano”, as diversas casas são evocadas a partir do que na História de Portugal corresponde à reorganização da Coroa no longo século XV, incluindo o esplendor dos primeiros tempos da Expansão — uma época por fim manuelina, em que os palácios são a morada de eleição dos cortesãos e seus émulo regionais, em

crescente cosmopolitanismo de gostos. No capítulo intitulado “a encruzilhada do mundo moderno”, é feliz a perspectiva analítica que caracteriza a dinâmica das casas como estando entre “entre a tratadística e a organicidade”. A organicidade — reforçada pela difusão da vinculação, que o autor bem situa — aponta para o reforço da relação entre a casa e o grupo familiar; mas ela é agora decisivamente mediada (subsumida?) por modos, norma e modelos de habitabilidade de estatuto, enfim por claros parâmetros de distinção social. O século XVIII (na longa duração) é convocado a partir do “fulgor” trazido, nomeadamente, pelas riquezas do Brasil, que adquirem uma força muito significativa na região, com a construção ou reconstrução/ embelezamento de várias casas. Os portões armo-riados, as escadarias, as janelas, enfim as fachadas em geral, adquirem um aspeto palaciano, com frequência ostentatório. Destaque-se aqui a longa caracterização dos espaços de vivência social — salões, cozinhas, jardins, oratórios e capelas. Na continuidade da importância dada à progressiva abertura da capela familiar, já descrita anteriormente, mostra-se como aquela passa a ser cada vez mais dotada de elementos decorativos e objetos devocionais artisticamente apurados. Ou seja, espaços e elementos centrais da vida e da religiosidade doméstica, adqui-

rem definitivamente caráter de aparato e de abertura à sociedade. Nas páginas dedicadas à “era pós-senhorial”, colocadas sob a epígrafe das “sobrevivências e continuidades”, Miguel Ayres de Campos intitula o texto de abertura como “O fim de um mundo”, ilustrando bem a rutura com a sociedade do Antigo Regime. Se esta foi também um outro longo processo, para o microcosmos dos solares da Ribeira Lima, a partida da Corte para o Brasil, as Invasões Francesas, a guerra civil (a derrota dos Miguelistas, a nuanciada aceitação dos proprietários liberais), enfim, toda a transformação institucional do Liberalismo, marcam uma fronteira para trás da qual se demorará muito a poder regressar — e quando se regressa, não é a mesma coisa. Avultam aqui a figura do *brasileiro* e a modernização das casas em função dos novos horizontes coloniais e europeus a que se acedia doravante. Um pouco paradoxalmente, irá desenvolver-se, apesar de tudo, ao longo do século XX, a ideia de um “modelo português de vida”, nestes solares. Será talvez um olhar nostálgico, conservador — enraizado em tentativas de resistência à modernidade? — sobre “o mundo que que nós perdemos”, mais do que uma realidade.

A conclusão do livro remete para os tempos recentes, marcada por momentos de abertura, mas em geral, uma linha de de-

cadência. Esta é travada, em parte, pela decisiva abertura à fruição turística das casas, pela decisão pioneira de adotar o modelo do Turismo de Habitação, ainda em curso. O livro deixa um desafio aos leitores, às autoridades, aos proprietários e — talvez mais que tudo — aos limianos, sobre a importância de manter este património. Que é de todos, mas antes de mais é seu.

Como últimas notas, destacaremos desde logo o facto de os belíssimos desenhos, para além da estética, ajudarem a reconstruir documentos desaparecidos; depois, aquilo que nos surge com outra grande riqueza do livro: a particular atenção pelo uso, como material empírico, de documentos das casas que estuda,

dos arquivos destas. É algo de extremamente interessante e inovador, porque chama a atenção para a importância destes arquivos das casas, sem os quais a História das mesmas seria muito mais pobre. O autor domina uma vasta bibliografia moderna e não tão moderna, com um pendor e erudito muito acentuado, e escreve num português excelente. Por fim, destaque-se a tradução do texto em inglês, o que facilitará sem dúvida a sua difusão por outras geografias e, nomeadamente, que os solares da Ribeira Lima possam ser integrados no vasto mundo das casas senhoriais protegidas que, em Inglaterra e noutros locais, é um modelo muito essencial para a preservação deste património.

---

[\*] IHC — NOVA FCSH / IN2PAST.